

Folkcomunicação: Uma Análise da Produção de Carrancas como Instrumento de Manifestação Folkcomunicacional no Vale do São Francisco¹

Gabriela Caboclo Nogueira Aragão²
Iury Aragão³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

A presente análise busca contribuir, por meio da teoria da folkcomunicação, para o entendimento da produção e manutenção da cultura das carrancas no Vale do São Francisco, que abrange cidades nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, banhadas pelo Rio São Francisco. Para este artigo destacamos polos Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Considerando que desde os primórdios das navegações nessa região, além de carregar moradores e mercadorias, a cada viagem os barcos traziam as crenças culturais do povo ribeirinho. A exemplo disso apontam-se as carracas - figuras de proa, esculturas feitas em madeira de lei utilizadas nas proas das grandes embarcações no comércio marítimo e posteriormente utilizadas na decoração de casas simbolizando proteção – que estão presentes nos barcos até os dias atuais. As imagens atualmente encontradas por todo o país passam a mensagem de uma história de ancestralidade ligada a uma região com individualidades e costumes próprios. A pesquisa bibliográfica foi fundamental para a coleta de informações sobre o objeto. Para atingir seu objetivo, o estudo percorre a gênese das carrancas na região, evidenciando sua origem com o carranqueiro conhecido como Guarany, até a popularização moderna com a aderência popular da artesã Ana das Carrancas e seus descendentes, além da origem e popularização da carranca vampire, conhecida pela sua produção em massa. Acredita-se que as carrancas chegaram ao Vale do São Francisco - Região que abrange as cidades de Petrolina, Juazeiro e região - por volta de 1875/1880 nas embarcações provenientes de Salvador, conseqüentemente servindo de inspiração para os artesãos locais, aplicando sua individualidade às peças. Inicialmente com fins mercadológicos, mais tarde as carrancas

¹ Trabalho apresentado na IJ-06 do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Aluna do 4º período do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios. E-mail: gabrielacaboclo@hotmail.com

³ Professor orientador da presente análise. Docente da Universidade do Estado da Bahia, do curso Jornalismo em Múltiplos Meios, da matéria Teorias da Imagem. E-mail: iuryneb@gmail.com

Mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília (2001). Doutorando em Direito Constitucional pelo Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) na linha de pesquisa em políticas públicas, constituição e organização do Estado.

foram agregadas a significados míticos, com um caráter de amuletos de proteção, no qual escudavam as embarcações dos males e crenças dos povos primitivos regionais e espantavam as lendas que rondam o imaginário popular dos ribeirinhos até hoje, como o Nego D'água, Mãe D'água entre outras (MOREIRA, 2006). Com o fim do ciclo das embarcações por volta da década de 1940, a canoas tomaram o lugar dos grandes barcos e, por consequência, as imagens das proas dos barcos ganharam um novo formato, desta vez em estruturas pedestais, com a finalidade de ornamentação e amuletos nas casas dos ribeirinhos. Além de enfeitar jardins e espantar o mal - onde quanto mais feia, mais poderosa ela seria na capacidade de livrar os moradores dos maus agouros -, as esculturas passaram a assumir um papel de obra de arte popular brasileira, tomando conta dos museus, feiras e exposições de arte. Atualmente há coleções de peças produzidas pela primeira geração de carranqueiros, estimadas em grandes valores. Entre a primeira geração destaca-se o mestre Guarany, um dos primeiros na arte das carrancas, que com traços únicos da originalidade brasileira conquistou um espaço na arte do país. O escultor foi descoberto pela mídia, críticos e admiradores da arte, voltando a produzir encomendas das peças em pé, agora para os colecionadores, com assinatura de “F. Guarany”. As carrancas ganham destaque, passando a ser exibidas em exposições pelo país, assim Guarany conquista o diploma de membro correspondente da Academia Brasileira de Belas Artes e passa a ser um dos maiores nomes na produção de carrancas da história. Com um simbolismo mítico para os supersticiosos, as figuras – muitas vezes assustadoras –, assumem a função de proteger e espantar os males e lendas regionais, além de se tornarem uma das atividades de renda dos carranqueiros e serem responsáveis pela movimentação do comércio local. É indispensável destacar outra figura importante ao analisar a história das carrancas no Vale do São Francisco, a ceramista Ana Leopoldina Santos, natural de Santa Filomena, distrito de Ouricuri, no estado de Pernambuco e popularmente nomeada Ana das Carrancas. Com uma infância baseada em brincar e construir peças com o barro, a artesã passou a vender utensílios produzidos com esse material, posteriormente mudou-se para Petrolina - também em Pernambuco -, em busca de novas oportunidades para a família. Assim, inspirada pelas carrancas expostas pela cidade, confeccionou sua primeira carranca de barro que logo passou a ser vendida em grandes quantidades, ganhando destaque regional e inspirando novos escultores. (MACHADO, 2016) Suas peças possuíam um estilo único, com formas primitivas, sem

dentos expostos e olhos vazados - em homenagem ao seu marido cego -. Até hoje Ana é reconhecida e homenageada na região, com peças reconhecidas e expostas no museu e carrega o seu nome – Acervo do Centro de Artes Ana das Carrancas em Petrolina-PE, e também internacionalmente. Dessa maneira, é possível declarar que a figura das carrancas transmite uma mensagem da cultura do povo regional, considerando que, na época das longas viagens, os barqueiros utilizavam o mesmo código linguístico e não verbal através das imagens de proa, que passavam de forma espontânea a mensagem da região de origem dos barcos, ademais o sentido de proteção contra os perigos das águas, evidenciando crenças e lendas do Vale do São Francisco. Ao mesmo tempo, em que se faz importante considerar as modificações sofridas na estrutura das imagens, devido à dinâmica da folkcomunicação e às necessidades de produção, apontados na transição das proas de barcos para as carrancas em formatos pedestais, posteriormente a criação da mais conhecida carranca vampira, que carrega uma abrangente visibilidade local. Desse modo, é plausível explicitar que através da folkcomunicação são difundidas mensagens importantes, por meio de veículos populares, buscando a inclusão e o desenvolvimento local, mediante o mercado. Outro aspecto da folkcomunicação que pode ser apontado no signo das carrancas é o intercâmbio cultural proporcionado pela mídia e os meios de comunicação em massa, que disseminam o símbolo do Nordeste para todo o país. No artigo é possível identificar a cultura regional presente no signo carranca e seu papel como manifestação folkcomunicacional dentro dos estudos da comunicação. Considerando que a figura pitoresca carrega um código linguístico coletivo, no qual de forma espontânea transmite a história do povo ribeirinho do Vale do São Francisco com suas crenças e tradições que atravessam gerações. Além disso, o estudo aponta a folkcomunicação como instrumento de difusão de mensagens relevantes, por meio de veículos populares, proporcionando o desenvolvimento socioeconômico regional. Percorrendo pelos grupos rurais, urbanos e culturalmente marginalizados da tese do pesquisador, pela gênese das carrancas e sua produção como manutenção cultural do Vale do São Francisco.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Carrancas; Cultura; Vale do São Francisco; Regional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. Pesquisa de folclore. **Paratodos**, Rio de Janeiro, ago.1958.

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: Por uma Teoria da Comunicação Cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Volume 1, p.193-212. Paraná, 2011.

ARTE popular do Brasil. **Ana das Carrancas**. Disponível em: <
<http://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/12/ana-das-carrancas.html>>. Acesso em 02 maio 2021.

ARAGÃO, Iury. **Elos Teórico-Methodológicos da Folkcomunicação: Retorno às Origens (1959 – 1967)**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A Comunicação dos Marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação no Contexto de Massa**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.

_____. Folkcomunicação: Da proposta de Luiz Beltrão à Contemporaneidade. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, ano 5, nº 8 e 9, p. 281-287, jan. e dez. 2008.

BRANDÃO, Ricardo. **Carranca do São Francisco: A Dinâmica de uma Manifestação Folkcomunicação do Contexto do Desenvolvimento Local**. Recife: UFRPE. 2016.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?**. Intercom, 2011.

CORTES, Karem; VIEIRA, Mayara. **Memórias do Mestre Guarany e os Carranqueiros de Santa Maria da Vitória-BA**. Salvador. 2019

ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS, 20. Laranjeiras. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 1995.

Francisco Biquinha dyLafuente Guarany. Guia das Artes. Disponível em: <
<https://www.guiadasartes.com.br/francisco-biquiba-dy-lafuente-guarany/biografia>>. Acesso em 02 de maio de 2021.

FREIRE, Luis; HERNANDEZ, Maria. **Mestre Guarany (Francisco Biquiba dy Lafuente)**. Dicionário Manuel Querino de arte na Bahia. 2014. Disponível em: <
<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/mestre-guarany-francisco-biquiba-dy-lafuente/>>. Acesso em 02 maio 2021.

LINCOLINS, Thiago. King Kong Japonês deu origem às carrancas do São Francisco. Aventuras na História. 2019. Disponível em: <
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-figura-tradicao-carrancas-sao-francisco-filme-king-kong-japones.phtml>>; Acesso em: 20 maio 2021.

LUCENA, Severino. Folkcomunicação no Contexto da Comunicação. In **Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional**. Ano 15. 2011, página 80.

MACHADO, Fernando. **Navegação do Rio São Francisco**. Rio de Janeiro: 2 ed. Topbooks, 2002.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. **Carrancas do São Francisco**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=575:carrancas-do-sao-francisco&catid=38:letra-c>. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. **Ana das Carrancas**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, 2016. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=334>. Acesso em: 20 maio 2021.

MOREIRA, Elisabet G. **Carrancas do Sertão Signos de ontem e de hoje**. Petrolina: SESC/PE, 2006.

MIRANDA, Rosélia. **O Desenho da Carranca e Seus significados**. Feira de Santana; UEFS. 2019.

PARDAL, Paulo. Guarany: 100 anos de carranca. **In Revista da Comissão Mineira de Folclore**, número 22, agosto de 2001, páginas 125-134.

_____. **Carrancas do São Francisco**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1981.

PEREIRA, Adriana. **Os vapores do rio São Francisco: Sobre vivências dos moradores ribeirinhos (1957/1972)**. São Paulo: 2020 [s.l]

PROFICE, Christiana. **Os ex-votos como expressão material das representações sociais - a construção de um plano de análise**. Trabalho fruto do desenvolvimento do grupo de pesquisa em documentação científica em audiovisual cadastrado no CNPq. São Paulo: 2013.

SANTOS, Sofia. Folkcomunicação.Knoow.net, **Enciclopédia Temática**.2018. Disponível em: <<https://knoow.net/ciencsocioishuman/jornalismo/folkcomunicacao/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

TICIANELE, Edberto. **Carrancas do São Francisco**. História de Alagoas. 2018. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/carrancas-do-sao-francisco.html>>. Acesso em 22 maio 2021.

TITAN, Samuel. **Gautherot encontra Guarany**. Instituto Moreira Salles. 2016. Disponível em: <<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/gautherot-encontra-guarany/>>. Acesso em 02 maio 2021.